



La Comédiathèque

O Amor é Cego

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

O Amor é Cego

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Para recuperar o prestígio da família, a baronesa de Castelmaranha procura para a filha, pouco favorecida pela natureza, um pretendente tão rico quanto pouco exigente. Julga ter encontrado o genro ideal...

Personagens

Carlota, baronesa de Castelmaranha

Marika, sua filha

Maria, sua criada

Franck, seu genro

© La Comédiathèque

Ato I

O salão do degradado castelo de Castelmaranha. Mobiliário de época, mas em estado lastimável. As paredes disfarçam a sua decrepitude com alguns retratos de família pendurados de través. Entra Marika de Castelmaranha, pouco graciosa e vestida sem o menor gosto.

Marika – Maria? Onde se terá metido aquela idiota? Maria! Isto é de bradar aos céus!

Entra a mãe, a baronesa Carlota de Castelmaranha, uma mulher de formas generosas, muito maquilhada e de elegância um tanto ostensiva. Traz um tabuleiro com o pequeno-almoço.

Marika – Ah, bom dia, mãe... Mas onde está a criada?

Carlota – Acaba de se ir embora...

Marika – Embora? Para onde? E quando volta?

Carlota – Receio que não volte tão cedo...

Marika – Como assim? Mas eu preciso dela! *(Assaltada por uma suspeita)* Não me diga que foi outra vez de férias para a Galiza?

Carlota – Ainda pior...

Marika – Quer dizer que se despediu? Assim, sem mais nem menos?

Carlota – É o que acaba por acontecer, infelizmente, quando se passa demasiado tempo sem pagar os salários aos empregados...

Marika – Esta gente não tem educação nenhuma! Ao menos podia ter-me servido o pequeno-almoço antes de ir embora... Enfim, perde-se uma criada, aparecem dez... Até porque nem sequer sabia preparar um ovo quente como deve ser...

A baronesa pousa o tabuleiro numa mesa.

Carlota – Aqui está. Hoje, exceccionalmente, preparei-lho eu mesma... Feliz aniversário, minha querida!

Marika – Lembrou-se? É um amor, mamã!

Carlota – A prenda terá de esperar. Sabe que ultimamente temos tido alguns problemas de dinheiro...

Marika senta-se e começa a comer o ovo quente.

Marika – Não se preocupe com isso, mãe. De qualquer modo, este ficou ótimo. Parabéns!

Carlota – Este?

Marika – O ovo quente!

Carlota – Ah, sim, claro... Se as nossas finanças continuarem a piorar, sempre poderei procurar trabalho como governanta num castelo aqui perto...

Marika – Tem muita graça.

Carlota – Contratei outra criada, mas, se também não tivermos dinheiro para lhe pagar, receio que não fique muito mais tempo do que a anterior...

Marika – Está tudo bem, mãe? Parece preocupada. Não se aflija por causa da Maria. Posso passar sem criada durante um ou dois dias.

Carlota – Marika, precisamos de ter uma conversa séria.

Marika – Está a assustar-me... Parece mesmo grave... Estou a ouvi-la.

Carlota – Marika, já não é uma criança. Há coisas que está na altura de compreender... Como sabe, desde que saiu do Colégio das Andorinhas, a nossa situação financeira tornou-se muito delicada. Já não conseguimos pagar aos empregados e este castelo está a cair aos bocados.

Marika – Era precisamente disso que queria falar-lhe. Conhece aqueles versos famosos que uma cantora costumava interpretar: «Chove no meu coração como chove na cidade»?

Carlota – Julgo que são de Verlaine.

Marika – Pois no meu caso seria antes: «Chove no meu quarto sempre que chove sobre o telhado».

Carlota – Pois bem, Marika, talvez tenha encontrado uma forma de tapar definitivamente os buracos das nossas contas e restaurar o castelo antes que nos caia em cima.

Marika – Está a pensar num desses sorteios da lotaria que anunciam por todo o lado e que transformam um pobretanas num novo-rico de um dia para o outro?

Carlota – Estava a pensar noutro género de sorteio, minha filha. Mais nos jogos do amor do que nos do azar. Acredite na minha experiência: são muito mais seguros...

Marika – Receio não estar a perceber...

Carlota – Na sua idade, já era tempo de arranjar marido... Nunca lhe passou pela cabeça?

Marika – Bem...

Carlota – Eu sei que hoje em dia não é fácil encontrar um pretendente à altura de uma menina de boas famílias. Sobretudo quando se põe a fasquia tão alta. A filha da baronesa de Castelmara não pode casar com um qualquer!

Marika – Evidentemente.

Carlota – Um dia há de herdar o meu título de baronesa. Embora receie que, nessa altura, seja tudo o que terei para lhe deixar...

Marika – Vá lá, ainda não chegámos a esse ponto... De qualquer maneira, como a mãe diz, hoje em dia os príncipes encantados não abundam...

Carlota – É precisamente por isso que a intervenção discreta de uma mãe pode ser providencial...

Marika – A sério?

Carlota – Uma mãe... com uma pequena ajuda das novas tecnologias, claro está...

Marika – Inscreveu-me num site de encontros sem me consultar?

Carlota – Num muito exclusivo, não se preocupe. Embora tenha tido de exagerar um pouco o valor do seu possível dote e retocar-lhe o retrato no Photoshop...

Marika – A minha fotografia?

Carlota – Felizmente, o nosso apelido constitui, por si só, um património inalienável. Muitos homens ricos ficariam lisonjeados por casar com uma baronesa de Castelmaranha, mesmo sem um tostão, e adquirir assim uma respeitabilidade que o dinheiro, por si só, não compra.

Marika – Mas, mãe... Quer casar-me com um plebeu?

Carlota – Infelizmente, temos de aceitar a realidade, minha filha. Os da nossa classe estão tão arruinados como nós...

Marika – Daí a impingir à sua filha um novo-rico para salvar o nome da família...!

Carlota – Não vejo outra saída... Procurei na Internet um site chamado «Adote um nobre ponto com», mas não encontrei nenhum... Acredite, não temos escolha.

Marika – E se vendêssemos alguma coisa?

Carlota – Já esgotei todos os recursos, garanto-lhe... Ou fazemos isto ou desfazemo-nos de Castelmaranha. O castelo da nossa família há sete gerações!

Marika – Mas eu não quero separar-me de si, mãe!

Carlota – Podia viver aqui com o seu marido. O castelo é grande. Basta encontrarmos alguém suficientemente compreensivo... E tão rico quanto pouco exigente...

Marika – Bem... Visto assim, porque não? Nunca recebemos ninguém. Pode ser divertido conhecer uns quantos pretendentes. Depois logo se vê...

Carlota – O seu primeiro encontro chega a qualquer momento.

Marika – O meu primeiro encontro? Até parece a rececionista de um dentista! Como se me fossem arrancar um dente! Não me diga que já há fila na sala de espera.

Carlota – Sossegue, por enquanto só tem um pretendente. E acredite que não foi fácil encontrá-lo...

Marika – Mas, mãe, nem sequer estou penteada!

Carlota – Não se preocupe, não vale a pena.

Marika – Como disse?

Carlota – Quero dizer que está muito bem assim, querida.

Marika – E como é esse rapaz?

Carlota – É o único herdeiro de um magnata do imobiliário que fez fortuna na Califórnia.

Marika – Referia-me... ao aspeto físico.

Toca a campainha.

Carlota – Ah, acho que vai poder avaliar por si mesma...

Marika – Meu Deus! Devia ter-me avisado!

Carlota – Não sabia como iria reagir. Preferi fazer-lhe uma surpresa. Vou abrir eu mesma, já que ficámos sem criada...

Carlota sai. Marika parece simultaneamente inquieta e entusiasmada. Tenta arranjar o cabelo. A mãe regressa logo depois, seguida do recém-chegado.

Carlota – Entre, entre, faça favor. Não repare na desarrumação, a criada tirou o dia de folga...

Entra o pretendente. Usa um fato escuro, óculos escuros e orienta-se com uma bengala branca. Traz um ramo de flores na mão. Marika fica muda de espanto.

Carlota – Marika, apresento-lhe o senhor Surdo.

Franck – Bom dia, Marika.

Marika – Bom dia, senhor...

Franck aproxima-se para lhe oferecer as flores. Ao fazê-lo, esbarra numa mesinha e faz cair uma jarra. Marika fica por instantes paralisada.

Franck – Por favor, trate-me por Franck.

Marika recebe as flores enquanto a mãe apanha a jarra.

Marika – Bem-vindo a Castelmaranha, Franck...

Carlota – Oh, não precisava de se incomodar com as flores! São lindíssimas... Não são, Marika?

Marika – Sim, lindas... Muito obrigada...

Carlota – Vamos já pô-las numa jarra...

Carlota entrega a Marika a jarra caída no chão e ela põe lá dentro as flores.

Carlota – Pronto... Aceita um café, senhor Surdo? Nunca fiz café na vida, mas posso tentar...

Franck – Obrigado, não é preciso... Acabo de chegar de Los Angeles. Tomei o pequeno-almoço no avião.

Carlota – A minha filha estava ansiosa por conhecê-lo... Imagino que fique por cá alguns dias...

Franck – Bem... Para sempre, espero. Embora isso dependa, na verdade, da sua filha...

Marika mantém-se impassível.

Carlota – É um pouco tímida, sabe? Acabou de sair do convento... Bem, não era freira, não se assuste.

Franck – De qualquer maneira, não tenciono apressá-la.

Carlota – Estudou no Colégio das Andorinhas, como a Amália Rodrigues e a princesa Leonor...

Franck – Espero que não tenham sido colegas de turma.

Carlota (*desatando a rir*) – Que graça! Não acha, querida? (*Mas Marika continua sem sorrir*) Claro que lhe é um pouco difícil confirmá-lo, mas acredite: Marika é uma jovem absolutamente encantadora...

Franck – Acredito, senhora baronesa. Além disso, não se costuma dizer que o amor é cego?

Carlota (*voltando a rir*) – Magnífico! Mas diga qualquer coisa, Marika, ou o senhor Surdo ainda pensa que é muda.

Marika – O senhor... Quer dizer... Como...?

Carlota – A minha filha não se atreve a perguntar-lhe como ficou... Nasceu assim ou...?

Franck – Bem... Na verdade... Fui atingido por um raio aos dezoito anos.

Carlota – Uma paixão fulminante! Meu Deus, que romântico! Não é, querida?

Franck – Acreditem na minha experiência: se alguma vez forem apanhadas por uma tempestade em pleno campo, não procurem abrigo atrás daqueles cruzeiros de ferro que às vezes se encontram nas encruzilhadas.

Marika – E porquê?

Franck – Porque atraem os raios, menina.

Carlota – Toda a gente sabe que os cruzeiros são autênticos para-raios.

Franck – Às vezes penso que foi o próprio Senhor quem me impôs esta provação, como penitência pelos meus pecados...

Carlota – Então é crente...

Franck – A fé é uma das minhas últimas consolações neste mundo...

Carlota – Fui eu própria que fiz questão de educar a minha filha nos princípios da nossa santa religião católica, apostólica e romana...

Franck – Ouça, Marika, vou direto ao assunto, porque o meu tempo é limitado. Sei que tenho poucos atrativos para oferecer, para além da pureza das minhas intenções e da minha imensa fortuna.

Carlota – Coisas a que damos imenso valor, acredite, senhor Surdo... Referia-me à pureza das suas intenções, naturalmente...

Franck – Uma fortuna que depositarei como oferenda aos pés da minha futura esposa... Aquela que souber adivinhar a imensa necessidade de amor escondida por detrás destes óculos escuros...

Carlota – Diz-se que os olhos são o espelho da alma! Infelizmente, no seu caso, as persianas estão descidas. Mas tenho a certeza de que encontrará alguém capaz de as abrir e deixar entrar um pouco de ar fresco nesta casa...

Franck – Marika, herdou do seu apelido a nobreza e a graça. E recebeu uma educação esmerada. Procuro casar-me com uma jovem desinteressada que seja o meu guia na vida. E compreenderá que, no meu estado, a doçura de carácter conta mais do que o aspeto físico...

Carlota – Ainda bem, ainda bem, senhor Surdo! (*Marika fulmina-a com o olhar*) Quero dizer que é muito nobre da sua parte, Franck. A minha filha herdará um dia o meu título de baronesa de Castelmara... Uma família que, como pode ver nestes retratos, teve um papel ilustre ao longo da nossa história...

Marika – Mamã...

Carlota – Desculpe, tinha-me esquecido de que...

Franck – Não tem importância, minha senhora.

Carlota – Mas faça favor de me tratar por Carlota.

Franck – E porquê?

Carlota – Porque é o meu nome!

Franck – Estava a brincar, minha senhora. Quero dizer... Carlota.

Carlota – É extraordinário! Não é, querida? Nunca imaginei que uma pessoa com deficiência pudesse ter tanto sentido de humor... Enfim, quero dizer...

Toca a campainha.

Carlota – Desculpe, deve ser a boa nova... Quer dizer, a nova boa... A nova criada!

Franck – Ah, sim? Pensei que a anterior só tivesse tirado o dia de folga...

Carlota – Exatamente, mas decidi despedi-la por isso mesmo... Tirava folgas a mais... Já sabe como é com tantos direitos laborais... Volto já. Aproveitem para se conhecerem melhor...

Carlota sai. Marika fica a sós com Franck, sem saber o que dizer.

Franck – De qualquer modo, tem uma voz lindíssima...

Marika – Obrigada...

Novo silêncio.

Franck – Só gostava de a ouvir um pouco mais... Pode fazer-me perguntas, sabe? Assim ficaremos a conhecer-nos melhor...

Marika – Não sei... Toca piano?

Franck – Bem... Não. Porquê?

Marika fica embaraçada.

Marika – Peço desculpa um instante. Preciso de falar com a minha mãe...

Marika sai. Franck segue-a com o olhar sem que ela repare. Levanta os óculos escuros e examina a sala e o mobiliário. O estado miserável da casa parece preocupá-lo. Observa os quadros e parece mais satisfeito. Carlota e Marika regressam acompanhadas da nova criada. Franck volta a pôr os óculos.

Carlota – Desculpe termos deixado o senhor sozinho... Apresento-lhe a Maria, a nossa nova criada...

Marika – Também se chama Maria?

Carlota – Sim, como a anterior. Assim é mais prático, não acha?

Maria – Ui! Que molha apanhei a atravessar o parque!

Maria, uma jovem de encanto um pouco vulgar, aproxima-se de Franck.

Carlota – Já pude verificar que pelo menos uma em cada duas criadas se chama Maria. Não sei bem porquê...

Maria – Bom dia, senhor...

Franck – Bom dia, minha senhora.

Maria – Menina! O senhor é cá um otimista! E com este tempo nem apetece usar óculos de sol...

Estende a mão a Franck, que finge não a ver. Carlota e Marika trocam um olhar consternado.

Carlota – Desculpe-a... Hoje em dia é tão difícil encontrar pessoal... Bem, Maria, porque não vai ver o que há para fazer na cozinha? Depois conversamos, está bem?

Maria – Muito bem, senhora...

Carlota – Agora que temos criada outra vez, talvez o senhor Surdo queira um café a sério. Entre nós, as criadas galegas têm os seus defeitos, mas sabem fazer um bom café...

Franck – Não se incomode por minha causa... Aliás, está na hora de me ir embora...

Carlota – Já nos deixa, senhor Surdo?

Franck espirra.

Franck – Desculpem. Sou alérgico ao pólen... Devem ser as flores que trouxe...

Maria – Tem a certeza de que não é do pó? *(Maria olha à sua volta)* Porque aqui há trabalho para um mês, hein? Meu Deus! Isto é de ficar de olhos em bico! Ou se calhar é melhor nem ver, não é, senhor Surdo?

Franck – Tenho de ir, mas voltarei em breve... Marika, foi um prazer conhecê-la...

Marika – Igualmente, Franck.

Franck – Os meus amigos tratam-me por Frankie...

Marika – Até breve, Frankie.

Carlota – A minha filha acompanha-o à saída... Não é, querida?

Franck pega na bengala branca e levanta-se para sair. Maria percebe que ele é cego.

Maria – Ah, está bem... Desculpe, senhor Surdo. Não tinha reparado que era cego.

Franck – Não se preocupe. Já estou habituado.

Maria – Mas fique a saber que eu não tenho nada contra os deficientes, hein? Acho uma vergonha aqueles que ocupam os lugares de estacionamento reservados aos cegos. O senhor não acha?

A baronesa e a filha voltam a trocar um olhar horrorizado.

Carlota – Até muito em breve, Franck.

Franck – Obrigado pela hospitalidade, senhora baronesa.

Marika acompanha Franck pelo braço até à saída.

Maria – Então a senhora é baronesa...

Carlota – Com efeito. Sou a baronesa de Castelmaranha, a sétima do meu nome.

Maria – Olhe só... Nunca tinha visto uma baronesa a sério.

Carlota – Bem, agora que já me viu, pode pôr mãos à obra, não acha? Como disse que se chamava?

Maria – Maria.

Carlota – Exatamente. Pois bem, Maria, comece por levar este tabuleiro e limpar um pouco o pó.

Marika regressa. Maria observa-a fixamente.

Maria – Chica, é incrível como a menina se parece com a minha mãe!

Carlota – Agradeço-lhe não ter dito isso à frente do pretendente... E, de futuro, peço-lhe que não se dirija diretamente às nossas visitas. Estamos entendidas? Então, Marika, que lhe pareceu?

Maria – É impressionante. E ainda por cima temos o mesmo nome!

Marika – Hum... Não exatamente... Eu chamo-me Marika.

Maria – Ah, desculpe, percebi Maria. Mas continua a parecer-se com a minha mãe. Até parecem da mesma família.

Marika – Qual é o apelido da sua mãe?

Maria – O quê?

Carlota – O apelido!

Maria – Fernández. Como eu.

Carlota – Nesse caso, é pouco provável que sejamos parentes. O ramo da nossa família ligado à coroa espanhola extinguiu-se há séculos...

Maria – Espanha? Mas eu não sou espanhola.

Marika – Não é espanhola?

Maria – Não. Sou portuguesa. Os meus pais é que são galegos.

Carlota – Bem, vai dar ao mesmo...

Maria – Não dá nada ao mesmo! Já agora, menina, sabe a que é que soa o seu nome quando o dizemos depressa?

Carlota – Não, e não nos interessa minimamente.

Maria – Pois eu não gostava nada de me chamar Marika...

Carlota – Importa-se de levar o tabuleiro e voltar para a cozinha?

Maria – Sim, senhora baronesa. *(Sai a rir)* Marika... E ainda por cima com K! Parece «maricas»... Não gostava de ter esse nome, sinceramente...

As outras veem-na sair, indignadas.

Carlota – Então, que lhe pareceu?

Marika – A nova criada?

Carlota – O seu pretendente! Correu bastante bem, não acha?

Marika *(explodindo)* – Bem? É cego e ainda por cima nem sequer toca piano!

Carlota – Admito que talvez não seja o marido ideal... Mas, do ponto de vista financeiro, garanto-lhe que é o genro ideal. É multimilionário! A solução para todos os nossos problemas!

Marika – Então case-se a mãe com ele...

Carlota – Pode ser cego, mas não tanto que não perceba que tenho idade para ser mãe dele, e não mulher. Não temos alternativa, minha filha, garanto-lhe. Ou isso, ou começamos nós próprias a cozinhar e a limpar a casa. Porque teremos de pagar a esta criada se quisermos que fique.

Marika – Podíamos vender mais alguns móveis...

Carlota – Se vendermos mais algum, teremos de nos sentar no chão... É preciso ser cego para não ver o estado em que este castelo já está!

Marika – E os retratos de família?

Carlota – Isso nunca!

Marika – Então prefere vender-me a mim?

Carlota – Vá lá, Marika, já não é uma criança... Não me diga que ainda acredita no príncipe encantado... Não é obrigada a amar o marido! E, se decidir arranjar um amante, há de concordar que estar casada com um homem que não vê é uma vantagem considerável.

Marika – A mãe tem uma ideia muito peculiar do casamento...

Carlota – Em troca dos milhões que lhe porá aos pés, só pede um pouco de companhia e alguém que o guie pela vida.

Marika – Mas, mãe... eu não sou um cão-guia!

Carlota – Pode sempre aprender a ladrar... Estou a brincar. E um pouco de sangue novo fará bem à família, para regenerar a linhagem.

Marika – Sangue novo? O de um deficiente?

Carlota – No mínimo, regenerará a nossa conta bancária...

Marika – Não, mãe, a sério. Não pode exigir-me semelhante sacrifício...

Carlota – Só lhe peço que pense no assunto, querida. Seja razoável... Talvez lhe custe encontrar outro pretendente que olhe tão pouco às aparências... Quero dizer, que seja tão pouco exigente. E, já agora, ele ainda não disse que sim...

Marika – Para o meu aniversário esperava algo melhor do que um noivo cego...

Maria regressa com um espanador.

Maria – É hoje o seu aniversário, menina Marika?

Marika – É, porquê? Também me quer oferecer uma prenda?

Maria – Que cena!

Marika – O que foi agora?

Maria – Também faço anos hoje! Faço vinte anos. E a menina?

Marika – Eu também.

Maria – E nascemos no mesmo dia!

Carlota – Bem, nasceram milhões de pessoas no mundo num dia como este. Não tem nada de extraordinário.

Maria – No mundo, sim. Mas aqui em Portugal?

Carlota – Não nasceu em Espanha?

Maria – Os meus pais é que são galegos. Eu nasci aqui, em Vila Seca do Castelo.

Marika – Em Vila Seca do Castelo...?

Maria – Não me diga que...

Carlota – É uma coincidência curiosa, sem dúvida. Mas nesse dia nasceram várias crianças na maternidade de Vila Seca do Castelo.

Maria – Mas não muitas que se pareçam tanto com a minha mãe! Veja, tenho aqui uma fotografia!

Maria tira do bolso uma fotografia e mostra-a a Marika, mesmo debaixo do nariz. Marika examina-a, perturbada.

Marika – Pois é... Há... umas parecenças de família...

Carlota – Bem, Maria, porque não vai limpar os quartos?

Maria – Como queira, senhora baronesa. Mas ninguém me tira da cabeça que isto é muito estranho...

Maria sai, esquecendo-se de levar a fotografia.

Carlota – Estou a começar a pensar que seria melhor despedir já esta criada...

Marika – No entanto, é bastante perturbador...

Carlota – Não me diga que também vai começar!

Marika entrega a fotografia à mãe.

Marika – Tem de reconhecer que as parecenças são extraordinárias, não tem?

Carlota – Mas aquela rapariga não regula bem da cabeça! Como é que alguém da sua condição podia parecer-se com uma criada galega, ou com a mãe dela?

Marika – Seja como for, é verdade que eu não me pareço nada consigo.

Carlota – Os filhos nem sempre se parecem com os pais. Aonde quer chegar?

Marika – Estas coisas acontecem. Vi um filme sobre isso. Dois bebés trocados por engano à nascença, numa maternidade...

Carlota – Até as cegonhas se podem enganar na pista de aterragem...

Marika – Lembro-me de que um deles, de sangue azul, acabava num bairro de habitação social, enquanto o outro, nascido num bairro de lata, ia parar a uma mansão de luxo.

Carlota – Vê televisão a mais, querida... Que disparate! Então, segundo a sua teoria, eu seria a mãe da criada? Acha que ela se parece comigo?

Marika – Não, claro...

Carlota – Pronto, está a ver!

Marika – E, no entanto... Há aquele sinal na nádega esquerda que distingue os Castelmara... e que eu não herdei de si. O meu sinal de família são antes os pelos nas costas...

Carlota – É tudo uma questão de genética. Às vezes uma característica salta uma geração. O mesmo se passa com o talento ou a beleza. Dizem que o filho de Einstein era um perfeito idiota. E ninguém garante que uma filha da Marilyn Monroe tivesse sido bonita.

Marika (*pensativa*) – Mesmo assim... Gostava de ver o rabo da criada...

Carlota fica por instantes perplexa. Toca a campainha.

Carlota (*distraída*) – Quem será a estas horas?

Marika – Que horas são?

Carlota – Não sei. Foi uma maneira de falar...

Regressa a criada, trazendo Franck pelo braço.

Maria – O senhor Surdo tinha-se esquecido das luvas...

Franck – É verdade, mas devo confessar-lhes que voltei tão depressa por outro motivo...

Maria fica à espera, visivelmente desejosa de saber mais.

Carlota – Bem, pode retirar-se, Maria...

Maria – Sim, senhora baronesa.

Maria sai contrariada.

Franck – A sua filha está?

Marika faz sinais de que não.

Carlota – Posso chamá-la, se quiser...

Marika tenta sair sem fazer barulho, mas Franck corta-lhe a passagem ao avançar.

Franck – Na verdade, acho preferível começar por lhe fazer uma confidência...

Carlota – Uma confissão? Já tem alguma coisa de que se arrepender?

Franck – É um pouco embaraçoso, mas... Há pouco não lhes disse toda a verdade...

Carlota – Não é o multimilionário que diz ser?

Franck – Não, não, sossegue. Não se trata disso. Tem que ver com a causa da minha cegueira.

Carlota – Que susto me pregou! Quer dizer... A causa da sua...?

Franck – Contei-lhes que tinha sido atingido por um raio... Na verdade, não foi isso que me deixou cego...

Carlota – Todos temos as nossas pequenas vaidades, meu querido Franck. Não é preciso explicar a uma mulher que às vezes enfeitamos a verdade com uma pequena mentira piedosa...

Franck – A origem da minha deficiência é infelizmente muito mais prosaica. Sofro de uma doença incurável...

Carlota – Incurável? Quer dizer que não tem cura?

Franck – Sim, é exatamente isso que significa a palavra «incurável».

Carlota – Mas incurável não significa necessariamente mortal...

Franck – No meu caso, infelizmente, sim. Há um ano diagnosticaram-me um tumor cerebral numa zona muito delicada. Afetou primeiro o nervo ótico, mas continuará a progredir. O meu médico não me dá mais de seis meses de vida...

Carlota – Que horror! Lamento imenso... Mas o que posso eu fazer? Não sou médica...

Franck – Vou morrer e não tenho herdeiros. É por isso que quero casar quanto antes: para ter alguém que me acompanhe nos meus últimos momentos e a quem possa deixar a fortuna quando morrer. Em vez de a entregar ao fisco ou a uma instituição de caridade...

Carlota (*recobrando a esperança*) – Parece-me uma decisão muito sensata, senhor Surdo... E, se me permite, de uma generosidade extraordinária...

Franck – Sei que pode parecer precipitado, mas agora compreende porquê. Gostaria de saber se veria com bons olhos que pedisse a mão da sua filha, que me causou uma excelente impressão. Tal como a senhora, naturalmente. Ao entrar neste castelo, tive a sensação de encontrar uma família...

Carlota e Marika trocam um olhar embaraçado.

Carlota – Bem... É verdade que tudo aconteceu muito depressa... Um verdadeiro amor à primeira vista! Quero dizer, uma paixão fulminante... Desculpe, esqueço-me sempre de que...

Franck – Não se preocupe com isso...

Carlota – Ouça, claro que a decisão cabe à minha filha, mas, por mim... Se ela aceitasse, só veria vantagens nessa união...

Franck – Agradeço-lhe infinitamente o apoio, minha senhora. Nesse caso, desapareço...

Carlota – Desaparece...?

Franck – Quero dizer que me retiro... Por agora...

Carlota – Claro. Mas... e as suas luvas?

Franck – Nunca uso luvas... Até muito em breve, senhora baronesa...

Tenta sair com a ajuda da bengala, mas volta a derrubar a mesinha com a jarra e as flores.

Carlota – Não vá tão depressa, por favor... Maria!

Maria aparece imediatamente: é evidente que estava a ouvir atrás da porta.

Maria – Sim, senhora baronesa?

Carlota – Acompanhe o senhor à saída, se faz favor...

Maria – Sim, senhora.

Carlota – Até muito em breve, senhor Surdo. *(Franck sai pelo braço de Maria)*
Agora é que estamos entre a espada e a parede...

Marika – Isto é um pesadelo.

Carlota – Aquele homem é multimilionário! Em dólares! E só lhe restam alguns meses de vida! Isto é que é um milagre! É como ganhar a lotaria. E muito mais seguro, acredite.

Marika – Eu estou a falar das dúvidas sobre o meu nascimento! Como posso casar com aquele homem se amanhã descobrir que sou filha da senhora Dos Santos?

Carlota – Não era Rodrigues?

Marika – E acha isso melhor?

Carlota – Não, naturalmente. Mas nada prova que seja verdade. Então, o que decide em relação a Franck, querida?

Marika – Antes de lhe dar uma resposta definitiva, tenho de esclarecer esta dúvida.

Carlota – Esclarecer? Como?

A criada regressa.

Maria – Posso continuar a limpar o pó?

Carlota – Faça favor...

Maria começa a limpar com o espanador. Marika observa-a com tanta insistência que a criada começa a ficar constrangida.

Marika – Maria, no quarto de serviço encontrará o uniforme que a sua antecessora deixou.

Maria – Um uniforme?

Marika – Sabe... O vestido preto, o aventalinho branco, a touca...

Carlota – Nunca viu uma daquelas comédias antigas com criadas?

Maria – Por acaso não, senhora.

Marika – Aqui damos muita importância às tradições e gostamos que uma criada tenha ar de criada.

Maria – Como queira, menina.

Marika – Então vá!

Maria – Agora?

Marika – Agora mesmo.

Maria – Sim, menina.

Maria sai.

Carlota – Devia ter-lhe pedido também que depilasse o bigode...

Marika – Que horror...!

Carlota – Realmente. Nota-se ainda mais do que os pelos das costas...

Marika – Não percebe? Se nos trocaram na maternidade, eu posso ser a criada... E Maria, a sua filha.

Carlota – Mas que disparate! Pare de se atormentar com essa história absurda! A menina não fala galego, pois não?

Marika – Não.

Carlota – Pronto, está a ver! Além disso, a elegância natural que as pessoas da nossa condição herdada não engana. Acha que aquela rapariga tem o porte de uma baronesa de Castelmara?

Marika – De qualquer maneira, não descansarei enquanto não o confirmar eu própria...

Marika sai. A baronesa fica sozinha e suspira. O telefone toca e ela atende.

Carlota – Carlota de Castelmaranha, estou?... Sim... Sim, sim, eu sei... Não, garanto-lhe que aquele pequeno descoberto será regularizado muito em breve. Quanto disse? Ah, sim... Bem, estamos à espera de receber dinheiro e... De que serve ter conta num banco se não podemos contar com a solidariedade dos clientes mais ricos do que nós? Muito bem... Em último caso, vendemos mais um quadro... Está bem. Vou tratar de tudo e volto a ligar-lhe...

Desliga, visivelmente preocupada. Põe-se a apanhar as flores e a jarra que Franck derrubou ao sair. Marika regressa.

Marika – A criada tem um sinal na parte de baixo da nádega...

Carlota – Como disse?

Marika – Entrei no quarto de serviço enquanto ela vestia o uniforme. Para confirmar.

Carlota – Em que nádega?

Marika – Na esquerda.

Carlota – Está a ver? Os Castelmaranha temos o sinal na direita.

Marika – Mas disse-me que uma característica podia saltar uma geração! Também pode saltar de uma nádega para a outra!

Carlota – Mas, Marika...

Marika – Eu, filha da senhora Da Silva...

Carlota – Como pode imaginar uma coisa dessas?

Marika – Acho que vou vomitar...

Marika sai e cruza-se com a criada, que regressa de uniforme: vestido preto e avental branco.

Maria – A última vez que vi uma farda destas foi num canal para adultos, e garanto-lhe que não estavam a representar uma comédia de criadas...

Carlota – Ah, pois...

Maria – E a sua filha Marika... Não será um bocadinho...?

Carlota – Um bocadinho o quê?

Maria – Entrou no quarto quando eu estava a mudar de roupa só para me ver o rabo...

Marika regressa.

Maria – Não tem bom aspeto, menina Marika. Está branca como a cal...

Marika – Já me passa.

Maria – É incrível como se parece com a minha mãe...

Marika sente-se ainda pior.

Carlota – Muito bem, Maria. Deixe-nos a sós...

Maria sai.

Marika – Mamã... Está a esconder-me alguma coisa?

Carlota – Claro que não, minha filha! Que ideia!

Marika – Lembra-se sequer se, quando me deu à luz, havia na maternidade outra bebé chamada Maria?

Carlota – Como quer que saiba? Estavam todos alinhados nos berços, como pintainhos numa capoeira... Lembro-me de a terem posto debaixo de uma lâmpada por causa da icterícia. Aliás, ficou sempre com a pele um pouco amarelada...

Marika – Obrigada...

Carlota – Além disso, como é que se distingue um recém-nascido de outro? É verdade que se podem confundir...

Marika – Fico muitíssimo mais descansada...

Carlota – Mas é por isso que lhes põem uma pulseira!

Marika – Uma pulseira eletrónica?

Carlota – Naquela altura ainda não. Uma pulseira com o nome do bebé.

Marika – É inacreditável... Um automóvel tem matrícula, número de motor, número de chassis, marcas nos vidros, dispositivos antirroubo e alarmes. E, para identificar um bebé, basta uma pulseirinha com o nome... Assim é muito mais fácil haver enganos!

Carlota – Sobretudo quando entre Marika e Maria só há uma letra de diferença. Basta que um dos bebés roa a pulseira precisamente nesse sítio...

Marika – E guardou a minha pulseira?

Carlota – Não. Porque havia de a guardar?

Marika – Não sei. Como recordação...

A criada regressa, muito excitada.

Maria – Eu sabia! Tinha a certeza!

Carlota – E agora o que foi?

Maria – Acabei de falar com a minha mãe ao telefone.

Marika – E então?

Maria – Confessou-me que sempre desconfiou que eu não era filha biológica dela.

Carlota – Nesse caso, porque não lhe disse nada até agora?

Maria – Para não me traumatizar!

Marika – Mas como pode...?

Maria – Segundo a minha mãe, estávamos as duas em berços lado a lado. E contou-me que a outra bebé era tão feia e tão raquítica que, instintivamente, pensou que não podia ser filha dela...

Carlota – Isso não passa de fantasias de criadas galegas...

Maria faz uma pausa para aumentar o suspense.

Maria – A minha mãe guardou a pulseirinha que eu tinha quando nasci e foi agora ver o que lá estava escrito. Marika, não Maria!

O telefone toca.

Carlota – Atenda, de uma vez!

Maria – Marika de Castelmara, estou? Não estou a ouvir bem... Ah, sim. Bom dia, senhor Surdo...

Carlota, furiosa, arranca-lhe o telefone da mão.

Carlota – Sim, Franck... Não, ainda não, eu... Ah, a sério? Muito bem, vou dizer-lhe já. Ligo-lhe de seguida...

Desliga.

Carlota – Era Franck. Quer uma resposta ao pedido de casamento. Não pode esperar mais. Tem de regressar à Califórnia para se submeter a um tratamento que é a sua última esperança.

Maria – E eu quero lá saber dos planos de casamento dele! Andam a enganar-me desde que nasci! A baronesa sou eu!

Carlota – Um momento, menina! Por enquanto só há uma baronesa aqui, e sou eu!

Maria – Então tenho direito à minha herança! Quando a senhora morrer, este castelo será meu!

Marika – Por enquanto, a menina não passa de uma criada galega!

Maria – A criada devia ser a menina! É a menina que é a criada!

Marika desaba.

Carlota – Tenhamos calma...

Maria – Tem razão... Esqueçamos os títulos e o dinheiro. O importante é que encontrei a minha mãe...

Lança-se aos braços de Carlota, que fica constrangida.

Carlota – Pronto, pronto... De qualquer maneira, minha filha...

Marika – Pode deixar de lhe chamar «minha filha»?

Carlota – Não temos dinheiro, Maria. Sem esse casamento não poderemos pagar nem à criada nem a ninguém. Só nos resta este castelo em ruínas e alguns retratos de família.

Maria – Então caso-me eu com o multimilionário. Afinal, o que lhe interessa é o título. De resto, nem dará pela diferença. E pode ser que ainda fique a ganhar com a troca.

Marika e Maria olham-se com hostilidade. Carlota interpõe-se.

Carlota – Deixe-nos a sós um momento, Maria. Depois falamos de tudo isto.

Maria – Muito bem... Mas já vos aviso: a mim não me fazem de parva...

Maria sai.

Marika – Isto é um pesadelo!

Carlota – É por isso que é urgente aceitar a proposta do senhor Surdo.

Marika – Acha mesmo que é essa a urgência?

Carlota – Senão, escapa-nos a galinha dos ovos de ouro! E ficamos sem um tostão!

Marika – E se calhar eu nem sequer sou baronesa...

Carlota – Quem a há de querer, se nem sequer tem sangue azul? Já não haverá nada que justifique a sua fealdade... Nem qualquer compensação... (*Marika fica arrasada*) Não se preocupe. Aconteça o que acontecer, continuará a ser minha filha. Carne da minha carne. É impossível que aquela víbora seja baronesa! Mesmo que seja minha filha biológica.

Marika – E o que fazemos com Franck?

Carlota – Tem de casar com ele imediatamente, antes que descubra que talvez não seja exatamente quem ele julga... Depois será demasiado tarde.

Marika – Tem razão...

Carlota – Telefone já ao senhor Surdo e diga-lhe que aceita casar com ele.

Marika – E depois?

Carlota – Leva-o a Las Vegas para casarem num instante. E aproveitam para fazer a lua de mel.

Marika – E a criada?

Carlota – Eu trato dela entretanto...

Marika – Muito bem. Vou então... Sacrifico-me para salvar o nome e o castelo de Castelmaranha!

Carlota – O sangue não engana! Reconheço-lhe o espírito cavalheiresco que distinguiu os Castelmaranha ao longo dos séculos.

Marika – No amor como na guerra!

Saem as duas.

Escuro.

Ato II

Carlota está a limpar a casa vestida de criada. Maria, agora com ar de menina de boas famílias, está sentada a ler uma revista cor-de-rosa cuja capa mostra um membro da realeza.

Carlota – Ufa! Nunca imaginei que limpar a casa fosse tão cansativo...

Maria – Vai ver, o pior são os vidros. Ficam sempre com marcas. Mas posso dar-lhe uma dica, se quiser...

Carlota – Ah, sim...

Maria – O melhor para os vidros é o vinagre... Vinagre branco. É tiro e queda.

Carlota – E não prefere dar-me uma ajudinha?

Maria – Não vê que estou a ler? Se quero estar à altura da minha condição, tenho muito que aprender. Sobretudo acerca da vida da realeza e da aristocracia. Não sabia que aquela gente levava uma vida tão complicada.

Carlota – Nem imagina...

Maria – E aqueles nobres, com uns apelidos tão compridos! Eu pensava que com a revolução lhos tinham encurtado a todos...

Carlota – Felizmente ainda nos restam alguns privilégios... Também lhe posso dar uns conselhos...

Maria – Ah, sim?

Carlota – Por exemplo, para viajar sem pagar alojamento. Ao chegar a qualquer terra, basta bater à porta do castelo mais próximo. De certeza que lá vive algum primo afastado. Haverá sempre um quarto de hóspedes à sua espera.

Maria – Estou a ver... Como uma cadeia de hotéis de charme.

Carlota – Exatamente, mas com pior aquecimento.

Maria – Portanto, são todos primos uns dos outros...

Carlota – Sim...

Maria – Não admira que sejam todos tão degenerados... Já agora, tem notícias da sua filha? Quero dizer... da Marika.

Carlota – Infelizmente, não... Nestas circunstâncias, recomenda-se que se evite qualquer contacto com a família durante as primeiras semanas.

Maria – Essa é nova para mim...

Carlota – Mas acabará por regressar a casa...

Maria – Bom, vou tomar um banho para descontraír. Tanta agitação deixou-me exausta...

Carlota – Compreendo...

Maria (*prestes a sair*) – Quando acabar de limpar o pó, pode dar um jeito à prataria? Não quero ofendê-la, mas esta casa era uma autêntica pocilga quando cheguei...

Carlota – Mas eu não sou sua criada!

Maria – Para que quero uma criada, se já tenho uma mãe!

Maria sai.

Carlota – Bem, vou continuar com os vidros...

Entram Franck e Marika. Marika traz duas malas. Mudou de estilo e parece mais feliz; pelo menos, sente-se agora mais à vontade com a sua feminilidade. Franck também parece estar melhor e veste cores mais alegres.

Carlota – Olá, meus filhos! Podiam ter avisado que chegavam hoje! Teria preparado o vosso quarto...

Marika – Mamã? O que se passa aqui?

Carlota – A que se refere?

Marika – Não me diga que está a fazer limpezas!

Carlota – Ah, isso... Não se preocupe, querida, já lhe explico...

Franck – Bom dia, senhora baronesa.

Carlota – Como está o meu querido genro?

Franck – Melhor. Muito melhor...

Carlota (*sem grande entusiasmo*) – Ah, sim... Parece que o casamento lhe fez bem.

Franck – É verdade que me dói muito menos a cabeça. E às vezes até tenho a impressão de ver alguns clarões...

Carlota – Sabe o que se costuma dizer: «O amor é cego, mas o casamento devolve a vista»... Quando diz que está melhor, quer dizer que... não vai morrer já?

Franck – Quase parece desiludida, sogrinha...

Carlota – Seu brincalhão! Claro que não!

Franck – Todos havemos de morrer um dia, não é?

Carlota – É verdade...

Franck – Mas tenho a sensação de que, no meu caso, esse dia ainda está longe.

Carlota – Que maravilha! Não é, querida?

Marika – Sim, claro...

Carlota – Então, e a lua de mel? Gostaram de Las Vegas?

Marika – Não recebeu o nosso postal?

Carlota – Não, filha. Já sabe como são os correios dos Estados Unidos...

Marika – Afinal, casámos numa vilazinha do Minho, na mais estrita intimidade...

Franck – Só nos casámos no fim da lua de mel, por causa dos prazos legais do casamento.

Carlota – Ah, muito bem... O Minho é tão exótico como a Califórnia, não é? Apanharam bom tempo?

Marika – Choveu durante três semanas seguidas. Quase não saímos do quarto do hotel. (*Aproxima-se carinhosamente de Franck*) Mas afinal não tive saudades de Las Vegas...

Franck – Nem eu. Pelos vistos, o ar da costa minhota fez-me melhor do que o tratamento milagroso que ia receber naquela clínica dos Estados Unidos.

Carlota – Estou a ver...

Marika – Uma noite, Franck levou-me a um casino.

Carlota – Ah, pois...

Marika dirige a Franck um olhar terno e cúmplice.

Marika – Mas para quê ir ao casino quando se pode apostar alto sem sair da cama...?

Franck (*apaixonado*) – Acho que me saiu a sorte grande.

Carlota – Enfim... Resta esperar que recebamos trinta e cinco vezes aquilo que apostámos...

Franck – Bom, deixo-as conversar à vontade. Devem ter muito que contar uma à outra. Coisas de mãe e filha... Eu vou refrescar-me um pouco.

Carlota – Eu acompanho-o...

Franck – Não se incomode. Desenrasco-me sozinho...

Carlota – Já conhece a casa, não conhece?

Franck – Agora também é um bocadinho minha, não é?

Carlota – Claro...

Franck – Até já, meu amor... Podes mandar levar a minha mala para o quarto?

Marika – Até já, querido...

Carlota olha preocupada para a filha. Franck sai e volta a derrubar a mesinha e a jarra.

Carlota – Bom, querida, parece que sobreviveu à prova...

Marika – Sim, devo confessar que não foi tão terrível como imaginava... Até admito que gostei um bocadinho quando...

Carlota – Agradecia que me poupasse aos pormenores da noite de núpcias... Poderá contar-me isso no inverno, à lareira. Agora temos assuntos mais urgentes...

Marika – Assuntos?

Carlota – Não me diga que já se esqueceu das circunstâncias especiais deste casamento por amor...

Marika – Não, claro que não...

Carlota – Acontece que eu estava à espera do regresso do nosso providencial genro para pagar umas contas... Se não fizermos uma transferência ao banco o mais depressa possível, penhoram-nos o castelo!

Marika – Estamos assim tão mal com o banco?

Carlota – Muito pior! É o único que ainda nos aceita como clientes, desde que fecharam a nossa conta na banca privada... E se não arranjarmos dinheiro depressa, em vez de irmos ao banco acabamos no banco alimentar.

Marika – Vou falar com Franck, prometo...

Carlota – Ótimo... Venha cá dar um abraço à mãe!

Abraçam-se brevemente.

Marika – E a criada?

Carlota – Esse é o segundo problema que temos de resolver... Fiz tudo para a apaziguar, mas começou a tomar demasiadas liberdades.

Marika – Ainda não a despediu?

Carlota – É que agora diz que é da família! Como vê pela minha roupa, tive de fazer algumas concessões... E quando souber que...

Nesse momento aparece Maria, seguida de Franck.

Maria (*furiosa*) – O senhor Surdo acaba de me dizer que se casou! E a senhora disse-me que a sua filha estava num centro de desintoxicação!

Marika – Contou-lhe isso?

Carlota – Tinha de inventar alguma explicação.

Maria – Então tanta mentirinha e tanta simpatia de repente eram para isso? Para dar tempo a esta bastarda de se casar e engravidar nas minhas costas!

Carlota – Vamos lá, não nos enervemos...

Franck – Devo reconhecer, senhora baronesa, que também não acredito no que estou a ouvir... Confirma o que diz a sua criada?

Maria – Olhe que eu não sou a criada!

Franck – Quero dizer... a sua filha biológica. É monstruoso! Como se pode transformar uma filha em escrava doméstica?

Marika – Bem, também não é propriamente a Cinderela...

Franck – E há de compreender que eu me sinta um pouco enganado... Pensava ter casado com uma futura baronesa...

Maria – E afinal casou com uma bastarda.

Marika – Bastarda és tu!

As duas mulheres estão prestes a desatar à pancada.

Carlota – Minhas senhoras, por favor! Um pouco de dignidade... Pelo menos uma das duas tem sangue azul...

Maria e Marika desistem de se agredir. Maria aproxima-se de Franck.

Maria – A filha da baronesa sou eu! Devia ter casado comigo! (*Insinua-se a Franck*) E acredite que, na cama, também não ficava a perder...

Marika – Isso dizes tu, ordinária.

Carlota – Não nos deixemos levar pela ira ao ponto de dizer coisas de que depois nos arrependamos.

Franck – De qualquer forma, perante estas novas circunstâncias, pergunto-me se não devia pedir o divórcio.

Carlota – Não faça isso, meu querido! De certeza que podemos esclarecer este pequeno mal-entendido...

Franck – Pequeno mal-entendido? Nem sei com quem estou casado! Com a mulher que me disse que sim, ou com aquela que amanhã terá o título de baronesa de Castelmaranha?

Carlota – Já pensei no assunto, porque imaginava que isto provocaria algumas tensões passageiras...

Maria – Não me diga...

Carlota – A minha proposta é a seguinte. Franck acabou de casar com Marika e ficará com a mulher, que herdará o meu título de baronesa de Castelmaranha.

Maria – E eu? Fico a ver navios?

Carlota – Maria, em compensação, herdará o castelo e tudo o que nele existe quando eu morrer.

Marika – E para mim fica só o título?

Carlota – Não me diga que prefere bens materiais ao prestígio de um apelido como o nosso...

Marika – Não, claro, mas...

Carlota – Além disso, muitos barões misturaram o seu sangue azul com o das criadas, sabe? Se fizéssemos um estudo genético, provavelmente descobriríamos que a maior parte dos criados são nossos primos.

Maria, cética, olha para Franck e Marika.

Maria – E se tiverem filhos? Podem reclamar a herança...

Carlota – Naturalmente, Marika ficará dispensada do dever conjugal para evitar descendência. E, de passagem, fazemos um favor a essas pobres crianças...

Marika – Dever conjugal? Pelo que me lembro da noite de núpcias, o meu marido não parecia encará-lo como uma obrigação desagradável...

Maria – Ah, sim?

As duas mulheres voltam a olhar-se com hostilidade.

Carlota – Bem, agora está tudo mais claro, não acha, querido genro?

Maria – Então nunca vou ser baronesa?

Marika – Deixamos-lhe o castelo! De que se queixa?

Carlota – Além disso, será baronesa consorte.

Maria – Baronesa com sorte?

Carlota – Consorte! Como o príncipe consorte, marido de uma rainha. Não terá o título, mas será considerada da família. E, se a minha filha falecer, ocupará o lugar dela como baronesa.

Marika – Que simpático.

Carlota – Quanto ao senhor Surdo, nunca lhe interessou o dote da minha filha. É multimilionário. O que queria era casar com uma menina de boas famílias. Nesse sentido, não pode dizer que lhe vendemos gato por lebre...

Maria – Bem, um gato já meio podre...

Carlota (*a Maria*) – Tratarei de si como de uma segunda filha, e Marika tratá-la-á como irmã.

Maria – Uma bela irmã!

Carlota – Que lhe parece, Franck?

Franck – E com quem vou eu cumprir... o dever conjugal? Estou casado, não estou? Isso devia dar-me alguns direitos.

Carlota – Pode sempre dormir com a criada. No fim de contas, era o que acabaria por acontecer, como em todas as comédias de enganos...

Marika – Um momento, eu não disse que estava de acordo!

Maria – Nem eu!

Carlota – Não sejam tão pudicas! Seremos uma família recomposta... Muito moderna!

Maria – Pois, pois...

Franck – E quem tratará das tarefas domésticas?

Maria – Eu é que não, de certeza!

Carlota – Teremos de arranjar outra criada... Mas Franck tem dinheiro, não tem? E agora é o homem da casa... Sustentará a família inteira!

Franck – Bom, o setor imobiliário não atravessa os melhores tempos... Nem na Califórnia...

Carlota – Acaba de me dizer que já não vai morrer, não me diga que agora também está arruinado!

Franck – Receio bem que sim, sogrinha... Mas o importante num casamento é o amor, não é?

Carlota está prestes a desmaiar.

Carlota – Acho que me estou a sentir mal...

Marika – Desculpem-nos um instante...

A baronesa sai com a filha. Assim que fica a sós com Maria, Franck tira os óculos e abraça-a. Percebemos que estão feitos um com o outro.

Franck – Trabalho feito!

Maria – Agora é que vamos viver como reis!

Franck – E de que maneira, senhora baronesa consorte!

Beijam-se.

Maria – A má notícia é que, enquanto estiveste fora, descobri que o castelo está hipotecado.

Franck – Não me digas que casei com aquele espantalho para nada!

Maria – Ao menos não terás aproveitado muito a noite de núpcias, pois não?

Franck – Tu diz-me! Já viste aquele trambolho?

Maria – Ela há pouco não dizia o mesmo...

Franck – Bem, ainda temos os quadros...

Maria – Aquilo deve valer uma fortuna...

Vai examinar um quadro, mas este solta-se e cai ao chão.

Maria – Merda! Ajuda-me a pendurá-lo outra vez...

Franck aproxima-se. Ao apanhar o quadro, Maria olha para a parte de trás.

Maria – O que é isto?

Franck – O quê?

Maria – Há uma inscrição atrás do quadro...

Franck – Talvez seja a assinatura de um pintor famoso... Às vezes descobrem que um quadro atribuído a um desconhecido era afinal de Miguel Ângelo ou de Leonardo...

Maria – Leonardo? O ator ou o futebolista?

Franck – Leonardo, o pintor! Vá, o que é que diz?

Maria inclina-se para ler a inscrição.

Maria – Não consigo ler... Não tenho os óculos... Vê tu, que tens bons olhos...

Franck examina a inscrição.

Franck – «Made in China»...

Maria – «Made in China»?

Franck – São falsificações.

Maria – A sério? Tens a certeza?

Franck – Duvido que os nobres daquela época mandassem pintar os retratos de família na China comunista! *(Pausa)* Estás a perceber? Casei com aquela degenerada por uma coleção de quadros falsos!

Ficam desanimados.

Maria – Só restam uns móveis antigos... Não vamos muito longe com isso...

Franck – Não posso acreditar...

Maria – Fomos enganados...

Franck – Pois é... É a história do burlão burlado...

Maria – Mas se os retratos são falsos, então...

Franck – Talvez o título da baronesa também seja falso...

Maria – Não me digas!

Franck tira o telemóvel do bolso.

Franck – Espera... Vou pesquisar na Internet... Baronesa de Castelmara... Não pode ser! Olha para isto!

Mostra o ecrã do telemóvel a Maria.

Maria – Não...

Franck – Castelmara... Devíamos ter desconfiado...

Maria – Devíamos ter verificado os títulos de nobreza dela...

Franck – Já não se pode confiar em ninguém!

Maria – Podes crer...

Franck – E como é que a filha nunca se lembrou de pesquisar o próprio apelido no Google?

Maria – Aquela gente ainda vive na Idade Média! E a rapariga acabou de sair do Colégio das Andorinhas! Aposto que a mãe só a deixa ligar-se à Internet com controlo parental...

Franck – E agora o que fazemos?

Maria – Pomo-nos a andar! A velha tem umas joias lá em cima, no quarto. Vou buscá-las e fugimos antes que aquelas duas fantasiosas regressem.

Franck – Eu nem sequer desfiz a mala. Melhor, impossível.

Maria sai. Enquanto espera, Franck continua a pesquisar no telemóvel informações sobre a vida de Carlota.

Franck – Não pode ser... Ora vejam só! A baronesa, com menos uns anos, até tinha a sua graça...

É surpreendido pelo regresso de Carlota e Marika.

Carlota – Não acredito no que os meus olhos estão a ver!

Marika – Franck, tu não eras cego?

Franck – Bem, é que... Acabo de recuperar a vista! É um milagre!

Nesse momento Maria regressa e chama por Franck antes de ver as outras duas.

Maria – Frankie? Já tenho as joias! Espero que estas também não sejam falsas...

Franck avança para Maria de braços estendidos, tentando manter a farsa.

Franck – Finalmente posso vê-la, minha querida esposa!

Marika – A tua esposa sou eu...

Franck (*desapontado*) – Ah, és tu...? Nesse caso, já não sei se foi assim um milagre tão grande...

Carlota – Está bem, está bem! Façam-nos passar por idiotas... Então estavam feitos um com o outro desde o princípio?

Marika – São os dois uns burlões?

Franck – Burlões... Que palavra tão feia!

Carlota – Nem é cego nem é multimilionário! E aquela ordinária não é minha filha biológica!

Maria – Olhe lá, baronesa, tenha cuidado com o que diz ou ainda leva uma chapada...

Carlota – Foi tudo uma encenação para nos levarem a aceitar este casamento o mais depressa possível!

Marika – Para nos deixarem sem nada!

Carlota – Não posso acreditar...!

Franck – Bom... Agora que sabemos todos a verdade, o que fazemos?

Carlota – O que fazemos? É muito simples: os dois põem-se já daqui para fora! E eu vou apresentar queixa.

Franck – Calma. Está bem, não sou cego nem multimilionário. Mas, que eu saiba, nenhuma dessas coisas é crime. E, gostem ou não, agora sou vosso genro!

Maria – Isso mesmo! Afinal, foi a senhora quem quis casar a filha com um pobre cego em estado terminal para ficar com a herança dele! Isso também não é lá muito bonito, pois não?

Carlota – A si, criada, ninguém lhe pediu opinião.

Maria – Primeiro, nunca fui criada! Segundo, a maior mentirosa aqui é a senhora! Tem o castelo hipotecado e os retratos de família são todos falsos!

Marika – Falsos?

Carlota (*embaraçada*) – Isso é um absurdo...!

Maria – Ah, é?

Carlota – Nota-se logo que não percebem nada de pintura! Falsos! E a menina... Aposto que nem sequer é portuguesa...

Franck – Tal como a senhora não é baronesa...

Marika – Como disse?

Franck (*a Carlota*) – A senhora também não contou toda a verdade sobre as suas origens...

Carlota (*constrangida*) – Eu?

Franck – O seu marido era ator de filmes pornográficos. E foi durante umas filmagens que a conheceu! Está tudo na Internet...

Carlota – Já pedi várias vezes que eliminassem esse artigo...

Marika – Mas não me contou que o pai tinha sido campeão de equitação e que morreu ao cair de um cavalo?

Franck – Também se pode dizer assim... Só se esqueceu de explicar quem fazia de montada...

Maria – E em que condições invulgares se realizava aquele rodeo cinematográfico...

Franck – Basta dizer que o filme era uma versão pornográfica de *A Diligência*.

Carlota – Pelo menos tinha argumento!

Maria – Pois... E de certeza que foi com os salários desses filmes de autor que conseguiu comprar este castelo.

Franck – O que não se faz para parecer respeitável!

Marika – Meu Deus! Diga-me que não é verdade! E eu que julgava que a pior coisa que me podia acontecer era ser filha de uma criada galega! Mas então... Quem são os meus pais? Quem sou eu?

Maria – Calma, a menina não é filha de pais incógnitos. É filha da sua mãe, isso é certo... Quanto ao pai...

Franck (*a escrever no telemóvel*) – Não é impossível que tenha sido concebida durante as filmagens de um daqueles clássicos, como... (*Mostra o ecrã a Marika*) *Os Canhões da Baronesa*... Uma obra-prima da sétima arte em que Carlota ostentou pela primeira vez o título de baronesa...

Maria – E foi praticamente a única coisa que trazia vestida durante todo o filme.

Carlota – Com esse filme estive quase a ganhar um prémio de cinema erótico...!

Franck – Está a ver? Eu também poderia sentir-me enganado quanto ao pedigree do meu cão-guia.

A baronesa fica constrangida.

Marika – Diga qualquer coisa, mãe...

Carlota – É verdade que embelezei um pouco a história da nossa família...

Marika – Então não é baronesa de Castelmaranha? E os retratos de família?

Carlota – São completamente autênticos, garanto-lhe. Quero dizer, as pessoas retratadas existiram mesmo... Só não eram da nossa família.

Marika – Isto é um pesadelo...!

Carlota – A boa notícia é que é mesmo minha filha.

Marika – Filha de uma puta! Grande consolação!

Carlota – Prefiro «atriz de filmes para adultos», se não te importas...

Marika – Ah, sim, isso já é muito melhor!

Carlota – E descontava para a Segurança Social como profissional do espetáculo!

Marika (*irónica*) – Evidentemente, já não vivemos na Idade Média. Hoje em dia não há razão para tratar as atrizes como prostitutas...

Maria – Bem, quando acabarem esta comovente cena de família...

Carlota – Talvez possamos chegar a um acordo... Mais vale um bom acordo do que um mau divórcio.

Marika – Um acordo?

Carlota – A verdade é que nem sequer podemos pagar a uma criada. E agora também já não podemos contar com a nossa suposta nobreza para arranjar um genro ideal...

Franck – Até porque a sua filha já está casada, lembro-lhe...

Carlota – Como vê, querida: estamos condenadas a entender-nos...

Marika – Nem sequer podemos vender aqueles quadros. São cópias e não valem nada...

Franck – E se alugássemos o castelo para rodar filmes pornográficos? A senhora deve ter guardado alguns contactos do meio.

Carlota – O que diriam os nossos amigos? E o senhor prior? Não, eu pensaria em algo mais respeitável... Não sei... Por exemplo, um festival de música clássica!

Maria – Ah, sim... Podíamos pedir um subsídio à câmara municipal e à comunidade intermunicipal...

Carlota – Levar a música clássica às classes mais desfavorecidas está muito na moda.

Maria – Pois... Um concerto de música clássica para deficientes culturais. De certeza que ficamos ricos...

Franck – E porque não abrir um alojamento de turismo rural temático? As pessoas adoram castelos, e uma baronesa fica sempre bem na decoração.

Marika – Eu e o meu marido podíamos tratar de tudo. E Maria limpava os quartos...

Maria – Alto lá! O Franck é meu, que fique bem claro!

Marika – Mas é meu marido! E agora que sei que o senhor Surdo não é cego... Até é bastante bonito... E também sei que não é maneta...

Marika e Maria estão prestes a pegar-se. Franck interpõe-se.

Carlota – Vá lá, de certeza que encontramos uma solução também para isso. Entre pessoas como nós é sempre possível chegar a acordo, não é?

Marika – Quando diz «pessoas como nós», refere-se a burlões?

Carlota – Entre outros, sim...

Escuro.

Epílogo

Marika, vestida de criada, limpa o pó com um espanador. Os outros três estão sentados em poltronas e tomam chá num ambiente muito distinto.

Maria – Não me importava de beber mais um bocadinho de chá...

Marika serve-lhe mais chá, desajeitadamente, cerrando os dentes.

Carlota – Não se preocupe, querida. Amanhã é a sua vez de ser baronesa.

Franck – E a dela de ser a criada.

Carlota – Combinámos que se revezariam todos os dias...

Franck – Sogra, acho que acabámos de inventar o casamento por turnos.

Carlota – E a democracia rotativa.

Franck – Já nem é preciso trair a legítima com a criada, como numa má comédia de costumes. Amanhã a criada será a minha mulher!

Carlota – E a sua mulher, a criada.

Franck – Um verdadeiro conto de fadas.

Carlota – Afinal, tinha razão, querido genro... Isto sim é vida de castelo. Não acham, minhas senhoras?

Marika e Maria trocam um olhar.

Maria – Minha querida colega baronesa, às vezes pergunto-me se no fim de contas não seremos nós as peruas desta farsa...

Carlota – Já que fala em peruas, não nos esqueçamos de que o Natal está a chegar.

Franck – Mal posso esperar por passarmos estas festas todos juntos, em família, pela primeira vez.

Carlota – A família é o mais importante. *(Pausa)* A propósito, já que estamos todos reunidos, tenho uma grande notícia para lhe dar, Franck.

Franck – Ah, sim? O que foi?

Carlota – A família vai aumentar...

Franck – Um bebé para o Natal? Que maravilha! Mas quem é a mãe?

Marika e Maria trocam um olhar assassino e depois voltam-se para Carlota com desconfiança. Carlota mal parece embaraçada.

Carlota – Mais um milagre, pelos vistos...

Franck *(para desanuviar)* – E se puséssemos um pouco de música?

Carlota – Perfeito! Mas música clássica, isso sim.

Franck – Nada como a boa música!

Carlota – E dizem que amansa as feras.

Franck carrega num comando à distância e põe a tocar uma peça de música clássica à escolha (por exemplo, o Hino à Alegria).

Enquanto o volume da música aumenta, as luzes vão diminuindo sobre esta enternecedora cena de felicidade familiar.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-984-3

Documento para download gratuito